

O FALSO “EVANGELISMO” PROMOVIDO PELO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO

BLEDSON, David Allen. *Movimento neopentecostal brasileiro: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012. 198 p.

por Josemar Valdir Modes¹

O autor David Allen Bledsoe, com formação e atuação na área de missiologia, por meio da editora Hagnos traz à luz a obra *Movimento neopentecostal brasileiro*. Ela tem como foco destacar contribuições ou restrições missiológicas do neopentecostalismo em solo brasileiro a partir do estudo de caso da Igreja Universal do Reino de Deus, considerada como um dos principais pilares do movimento.

No primeiro capítulo, por meio de uma abordagem histórica, o autor localiza seus leitores no desenvolvimento do pentecostalismo para o neopentecostalismo. A primeira “onda” do movimento pentecostal vai dos anos de 1910 a 1950, início do movimento no Brasil, dando origem às duas maiores denominações pentecostais: a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil, com o destaque em sua doutrina

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, com revalidação pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É pós-graduado em Teologia pela mesma Faculdade e mestre em Teologia (curso livre) pelo Seminário Teológico Batista Independente de Campinas. Está cursando o Mestrado Profissional em Teologia da FTBP. É professor e auxiliar de coordenação acadêmica da FBP (Ijuí) e pastor auxiliar da Igreja Batista Emanuel de Panambi. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

ao segundo batismo no Espírito Santo, o falar em línguas e aos usos e costumes. A segunda “onda”, que compreende os 20 anos seguintes, tem como características doutrinárias a ênfase na cura divina, práticas de exorcismo ligadas à cura e uma minimização da observância dos usos e costumes. Os grupos de destaque gerados pelo segundo movimento são a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor.

A terceira “onda” (que culmina no surgimento do movimento neopentecostal) tem seu início no ano de 1977 com a criação da Igreja Universal do Reino de Deus. Suas ênfases doutrinárias estão na prosperidade material, batalha espiritual, ampla redução da observância de usos e costumes e um ataque agressivo às religiões afro-brasileiras.

Em seu segundo capítulo, o autor destaca características da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que é o foco de seu estudo. Seu líder e fundador é o bispo Edir Macedo, que apesar de ser uma figura controversa, soube centralizar a atenção dos fiéis na igreja e não em sua pessoa. Os membros da igreja, de forma geral, não têm grandes laços afetivos e as decisões são tomadas pelos ministros sem o envolvimento da comunidade. Meios de comunicação de massa são grandemente usados, e o próprio bispo detém o poder sobre uma emissora de televisão - a Rede Record - que já foi a segunda maior emissora do país. Prega, acima de tudo, a completa libertação do ser humano de seus sofrimentos, o que tem sido uma mensagem atrativa e fez com que a igreja crescesse grandemente no Brasil e em outros países do mundo, sempre conservando as características do seu país de origem.

Logo após, no terceiro capítulo, o autor descreve os fatores que favoreceram o crescimento repentino da IURD, transformando-a na terceira maior instituição religiosa do Brasil. Destaca que a sua forma de ser igreja está moldada para atrair pessoas e não para transformá-las - busca ser semelhante a outros grupos religiosos (inclusive alguns que não são cristãos, como religiões afro), conta com o favorecimento da mídia divulgando seus trabalhos, com uma liderança empresarial visando acima de tudo o lucro e com poucas exigências quanto ao estilo de vida de seus membros, fatores essenciais para seu crescimento.

Em seu último capítulo, o autor destaca quatro áreas nas quais a IURD é missiologicamente prejudicial. Primeiro, a sua soteriologia prega a salvação pelas obras; segundo, suas crenças estão voltadas aos interesses do ser humano e suas vontades, enfatizando a ação demoníaca sobre a vida das pessoas ao ponto de ser mais importante do que a ação de Deus, assemelhando a denominação a outras

religiões populares; terceiro, tem uma visão distorcida e deficiente de igreja local sem o desenvolvimento do amor mútuo e com total falta de comunhão e quarto, é uma organização sectária e que explora seus membros, não sendo digna de confiança.

O autor, em sua conclusão, destaca que na verdade a denominação não poderia ser considerada como sendo evangélica. Além do mais, muitos de seus membros (quando não a maioria) são pessoas ainda carentes da salvação em Jesus Cristo, sendo, portanto, alvos do amor cristão e da mensagem de redenção.

A obra em si é de grande valia e apresenta um quadro muito real e vivo das distorções presentes na IURD. Depoimentos de pessoas que participaram da igreja e a própria pesquisa de campo dão crédito a todo o trabalho. É uma obra concisa, clara e com ampla fundamentação, dando todos os embasamentos e argumentos necessários para a conclusão de que a IURD atrapalha o desenvolvimento missionário. Sugere-se apenas que as referências citadas apareçam sob a forma de notas de rodapé, dando maior fluência na leitura, e que seja feita uma revisão do conteúdo, pois alguns dados são repetidos em até três momentos ao longo do trabalho. A obra é altamente recomendada a todos que têm interesse no assunto, sendo uma necessidade para o ministério pastoral.